

Artur Canana, governador de Manica:

“Não engolimos o sapo mas procuramos compreender”

Saviana
25/2/94 p.10

Que comentário o senhor governador faz sobre o problema de prostituição infantil em Chimoio?

Vocês querem voltar a falar desse assunto. Já foi falado e acho que as pessoas têm informação suficiente sobre isso. A ONU está a fazer inquérito e o nosso Governo está também a fazer. Seria bom que todos nós esperássemos pelos resultados desses órgãos.

Neste momento não tenho comentários, posso ter o meu ponto de vista.

Do meu ponto de vista, este é um problema conjuntural da sociedade moçambicana. A sociedade devia já saber que com a vinda da tropa neste número que foi acordado, haviam de acontecer desses problemas.

Já antes de virem cá os italianos, o presidente Chissano dizia que a paz tem preço, tem problemas. Mas vamos deixar as outras questões e mantermo-nos no que é o principal problema de mantermos a paz. Nós estamos tendo estes problemas, porque queremos manter a paz.

Tivemos aqui os zimbabwianos, que eram em número pequeno. Não se via muito, mas existia disso. É normal um homem que esteja num lugar andar aí...

Não é normal fazer a prostituição como pode estar a acontecer. Mas quando o número é grande, as pessoas notam com facilidade.

Eu considero um problema conjuntural. Todos nós devemos saber que este é um problema da paz.

Não é engolirmos o sapo, mas procurarmos compreender.

Não é tratarmos o problema como está sendo tratado. Não quero dar razão a ninguém, nem culpar a ninguém. Também não estou a dizer que as meninas e os italianos devem fazer isso abertamente, como estavam a fazer. Já sabíamos disso. Dois mil homens concentrados numa pequena cidade, junto a cento e tal mil pessoas, onde todas as raparigas existem... é preciso fazer esse tipo de raciocínio.

Mas a Red Barna está a ser mal vista pelo Governo e pela ONUMOZ no meio dessa problemática que eclodiu...

Ninguém condenou ainda a Red Barna, pelo menos pela parte do Governo. Não condenámos, não julgámos, nem vamos julgar. A Red Barna é uma ONG que trata de crianças.

Quando aborda este problema, as pessoas que dão fundos, estão a pensar que os seus dinheiros podem estar em causa aqui. Mas se analisarmos, este problema não está a acontecer com crianças. Está a acontecer com raparigas. Crianças e raparigas são diferentes. Criança é até dez anos. Então temos que saber tratar as coisas. Tu lês o jornal estando na Europa e falam-te de crianças a serem ofendidas sexualmente, isso tem outro impacto. Mas se tu lês raparigas, isso não deixa a mesma imagem. Vais a Lisboa, vais encontrar raparigas na rua, não encontras?

Não seria escândalo se se falasse de raparigas. Podia ser uma notícia... Mas as pessoas estão a falar de crianças, o que na verdade não está a acontecer. Não é abuso de crianças, é abuso de raparigas.

Ninguém condenou a Red Barna. Mas esta ONG devia abordar este problema junto do Governo provincial na altura, denunciando o que estavam a constatar.

Infelizmente, a Red Barna não nos abordou. Por que razão não abordou o Governo? Eu não tenho resposta.

Já tratámos muitos problemas, inclusive este das raparigas. Já acompanharam que a polícia dispersou aglomerados em certos locais. Temos órgãos de soberania que é a Polícia, que se encarregaria de corrigir esses fenómenos anormais.

O Senhor governador acredita que este problema pode vir a afectar o processo de paz, tendo em conta que isto envolve italianos, enquanto a Itália é dos principais financiadores do curso do AGP?

Acho que não, porque se a Itália contribuiu até onde chegou, e se nos falta pouco tempo, pode não haver razões suficientes para estragar o processo. O processo de paz vai continuar a ter o seu curso normal. Este é um escolho no meio do caminho. É preciso que os políticos que tratam deste assunto saibam abordá-lo e evitem ofender a moral das pessoas e das instituições. Isso ofende as nossas irmãs, então é preciso saber abordar esses problemas. Saber tratar este e outros problemas é contribuir para o processo de paz de Moçambique.

Não podem os políticos ofender as nossas famílias, como se a prostituição só existisse em Moçambique. ■



Jorge Tomás

“Não podem os políticos ofender as nossas famílias, como se a prostituição existisse só em Moçambique”, Artur Canana